



1964  
**25 DE NOVEMBRO**  
 ANO VIII  
 N.º 37

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1  
 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

# ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores  
 Carlos Frayão e Manuel Bettencourt

Redactor Desportivo  
 João Castro

Administradores  
 Luis Gonçalves e Herberto Faria

## Mais um Ano

Com este número entra o «Arauto» no seu 8.º ano de publicação. Já acompanhou, portanto, desde o primeiro ao sétimo ano, uma geração académica, a que no ano findo concluiu o curso liceal.

É desejo dos novos dirigentes continuar, como os anteriores, a ter em vista o interesse dos estudantes do nosso Liceu, dos primeiros anos aos mais adiantados.

Assim o «Arauto» procurará apresentar colaboração de estudantes dos três ciclos, esperando de todos os que o lerem, a benévola compreensão para o facto de alunos de 12 ou 13 anos

## INQUÉRITO

O «Arauto» desejaria saber que assuntos agradam mais aos assinantes e leitores.

Indicamos alguns: História, assuntos literários, Arte, Moral, Temas Ultramarinos, Ciências, Actualidades, Regionalismo, Desporto, Educação, Poesia, produções de imaginação pessoal. Se os leitores quiserem ter o trabalho de nos comunicar por escrito as suas preferências, relativamente aos assuntos mencionados ou outros que queiram sugerir, orientar-nos-ão na escolha dos temas a tratar no nosso jornal.

Se recebermos comunicação em número considerável, daremos no próximo número o resultado deste inquérito. É uma experiência... a ver!

não poderem escrever trabalhos de nível.

Haverá quem pense que só se deviam aceitar artigos de certo valor, naturalmente de alunos do 3.º ciclo, e quando muito do 5.º ano.

Mas ficavam assim impedidos de colaborar no jornal, que é de todos, os que frequentam os anos mais atrasados, o que não achamos razoável. O nosso jornal é um meio à disposição de todos os que quiserem exercitar-se e lançar-se a escrever sobre assuntos académicos e culturais, de acordo com as possibilidades dos seus próprios conhecimentos, ano do curso, idade. Os mais novos dificilmente se interessariam por um jornal que trouxesse exclusivamente artigos escritos por alunos do 3.º ciclo.

Conclui na 3.ª página

## Encontro com a Cidade

Geralmente quando somos novos e inexperientes, vivemos um mundo de sonho e ilusão, e, precisamente por não quereremos encarar a vida na sua faceta mais real, surgem mais cedo ou mais tarde tremendas desilusões.

Que bom seria, se o mundo que teremos de trilhar pela vida fora correspondesse ao que trazemos idealizado cá dentro de nós!

Infelizmente assim não acontece. Apenas em curto período da nossa juventude tentamos esse nosso

## SER ESTUDANTE...

...Não é apenas, como muitos julgam, passar uma série de anos agarrado a livros, esforçando-se por introduzir em qualquer recanto do cérebro as mais complicadas e transcendentais definições...

...Nem o privar-se, embora contra vontade, de todas as legítimas alegrias e brincadeiras próprias da idade estudantil...

Sim, todos nós sabemos que ser estudante não é exactamente isso. Sabemos que é qualquer coisa de mais idealista, uma tarefa a que nós próprios metemos ombros e que, pelo ideal que encerra, exige ser levada a bom termo, com seriedade e consciência.

Compreendemos também que ser estudante é arcar com uma já bem notável responsabilidade, não só perante nós mesmos e aqueles que em nós con-

fiam, mas também perante a sociedade, que para um futuro relativamente próximo conta connosco, ou até perante a Nação, da qual urge que venhamos a ser sólidos alicerces.

É arcar com essa responsabilidade desde que se ensaia o primeiro passo no caminho que percorremos. Se agora nos parece difícil, iremos depois recordá-lo como uma das mais belas e agradáveis épocas da nossa vida.

Ser estudante é, como a própria palavra diz, estudar, mas a sério.

Estudar, não apenas as disciplinas liceais. Estudar o nosso ser, fazer o estudo de nós próprios, para melhor nos conhecermos e mais facilmente adquirirmos um benéfico auto-domínio e fortalecermos a nossa personalidade.

Estudar aqueles com quem diariamente convivemos, ou até os que mais raramente contactam connosco e as atitudes mais próprias e convenientes que para com eles devemos tomar.

Estudar, enfim, tudo e todos os que nos rodeiam, abstraído-nos um pouco dos nossos problemas, para que não nos alheemos dos outros com quem somos solidários na vida.

Consideremos também o desejo de saber e, sobretudo, de compreender, que é próprio do verdadeiro homem, quando ele reconhece—conquanto muitas vezes o não queira confessar—a sua extrema insignificância perante a tremenda sé-

Conclui na 3.ª página

Conclui na 3.ª página



## II

A vasta igreja dum convento abandonado,  
os velhos oiros, os vitrais, a arquitectura,  
falam às almas como um salmo levantado  
na solene mudez da vasta nave escura.

Ungido dum silêncio ascético, sagrado,  
o velho templo tem um ar meditativo,  
um ar absorto de vidente primitivo  
numa visão extra-terrestre mergulhado...

Uma crepuscular penumbra permanente  
empana as formas; e no plácido ambiente,  
onde jazem não sei que perfumes vetustos,

minha alma como que respira as lendas santas  
de monjas medievais, de místicas infantas  
adormecidas nos sarcófagos augustos...

O armário, que rescende a tempos idos,  
asila em sua fria soledade  
o luxo morto, inútil, dos vestidos  
que minha avó usou na mocidade.

Modas defuntas, trajos esquecidos,  
que tantas festas viram noutra idade,  
parecem favoritos decaídos,  
mirrados de tristeza e de saudade...

Ressumam o desgosto de quem sente  
que o mundo o esqueceu inteiramente  
e com desdém lhe fecha as suas portas...

E esse perfume antigo que os satura  
ante a minha alma fala com ternura  
de velhas festas, de elegâncias mortas...

#### IV

Que «Festa Galante», fina e sugestiva  
—exilado aroma de épocas passadas,  
hálitos de antigas festas olvidadas —  
das depostas galas cortesãs deriva!

Nesses tons fanados, galas ancestrais,  
como num palácio doutros tempos, mora  
a alma das gaivotas que não voltam mais,  
dos saraus sepultos num saudoso outrora...

Vetustos despojos de elegâncias idas,  
vaga como um eco de canções perdidas  
muito ao longe, tendes uma voz dolente

que entristece e embala, que saudosa chora:  
«Eis a alma penada do traído outrora  
suspirando errante no banal presente!»



V

Folheio, absorto, um livro amarelado  
que há cem anos talvez ninguém abriu,  
e que exala a tristeza do passado  
como um velho mosteiro bruno e frio.

Eu creio que um antigo enclausurado,  
um erudito frade austero e pio,  
deixou do seu espírito sombrio  
este vetusto infólio saturado.

E assim, abrindo o livro macilento,  
uma vaga tristeza de convento  
dos caracteres góticos se exala...

A alma do abolido ai desperta  
e erguendo-se ante mim — visão incerta —  
ancestral e nostálgica me fala...

# TANIT

Ela surge e perante o seu fulgor  
tudo imerso num êxtase parece...  
A minha alma apreende a vaga prece  
que se evola das coisas em redor.

Reina uma paz sagrada. Num torpor  
a folhagem apenas estremece.  
O mar suspira um salmo embalador  
quando Tanit, a lânguida, aparece.

Ela evoca talvez, num sonho vago,  
o seu extinto templo de Cartago,  
os seus glabros ministros de alvas túnicas.

Recordas ainda os hinos, deusa Flava,  
com que a filha de Hamilcar te saudava,  
no cálido esplendor das noites púnicas?



## LUAR

Sob o transfigurante e místico luar  
a terra emudeceu num êxtase embebida.  
Nesta noite estival, dum doce eflúvio unguida,  
sente-se vagamente a alma de tudo orar...

A terra emudeceu num êxtase embebida,  
há disperso na noite um anónimo cismar...  
Sente-se vagamente a alma de tudo orar  
nesta augusta mudez de igreja adormecida,

Há disperso na noite um anónimo cismar...  
Dir-se-á que a terra adora a hóstia argêntea erguida.  
Nesta augusta mudez de igreja adormecida  
ouvem-se unicamente as fontes murmurar.

Dir-se-á que a terra adora a hóstia argêntea erguida  
e absorve num enlevo a bênção do luar.  
Ouvem-se unicamente as fontes murmurar  
na deserta extensão, com voz desfalecida...

# A ALMA DA NOITE

Como encarais a Noite, a Noite augusta,  
a estranha mãe da sombra e do mistério,  
que tudo transfigura e a terra muda  
num vasto templo cheio de silêncio,  
onde uma prece esparsa se respira?  
Como encarais a Noite, a Noite augusta?

A noite é consciente. Em torno a mim,  
misteriosa como um deus ignoto,  
sinto-a viver, sinto-lhe o «eu» sagrado  
cheio de incognoscíveis pensamentos  
que a alma aspira como vago aroma,  
mas que o verbo não pode traduzir.



Vós não a podeis ver, não descobris  
essa entidade estranha que nos cerca,  
imersa num profundo meditar...

Vossas almas jamais estremeceram,  
todas tomadas dum terror sagrado,  
sentindo-se altas horas contempladas  
pelo seu mudo olhar extra-terrestre...

Perante ti, ó Noite que me fitas  
mergulhada num místico cismar,  
a minha alma temente se prosterna,  
tal como a alma dum antigo asceta  
ao sentir-se ante a face do Senhor...



## REMEMBER

A fachada trigueira do convento  
olha o campo deserto onde se murcha a tarde;  
e à luz do sol no derradeiro alento  
uma velha rosácea em chamas vivas arde.

Ninguém ali habita, há muito que não vão  
na portaria os pobrezinhos aguardar;  
e na igreja fechada os dias santos são  
desertos como os mais, sem luzes no altar.

No campanário negro e já fendido  
não se ouve há muito a voz do sino a Ave-Marias;  
e no pórtico, de entre as frinchas do lajido,  
rompem ervas bravias.

E eu ponho-me a cismar, por esta tarde mansa,  
vendo o austero mosteiro, as grimpas, os vitrais,  
nos bons tempos de fé e de esperança,  
belos e augustos como velhas catedrais...



Ó frades! O remanso da clausura,  
rezas, meditações nas celas silenciosas...  
Pintam-se, como doce e vaga iluminura,  
ante a minha saudade, essas defuntas cousas!

A esta hora, noutro tempo, a prece vespéral  
errava pelo templo em notas soluçantes.  
Bons irmãos, acordai, abri este portal  
e ide salmear no coro como dantes!

Depois que vós dormis, o deserto convento,  
onde, em lugar de missas, cantos, festas,  
só rompem o silêncio antifonas de vento  
nas frestas dos portões, pelas noites funestas,

tem um ar de viuvez que oprime e entristece...  
Chora nessa trigueira e secular fachada  
a tristeza tocante e resignada  
que no olhar dos desprezados transparece.



No entanto o sol a adormecer flameja  
e põe sobre os vitrais auroras de diamante,  
deixando acreditar que na deserta igreja  
celebram como outrora uma função brilhante.

Sol do sonho, ilumina o templo do Passado,  
com teus raios também doira os vitrais da porta;  
conservas-me um instante ao menos enganado,  
julgando em lausperene a velha igreja morta!



## OLHOS AMIGOS

Por loucos sonhos juvenis levado  
um dia, por meu mal,  
abandonei meu lar idolatrado  
e o meu pais natal.

Num gracioso bergantim ligeiro  
de velas enfunadas,  
parti em busca (ingénuo aventureiro)  
de terras encantadas...

Mas, quando ao largo a embarcação se fez  
veloz como uma asa,  
vi branquejar ao longe ainda uma vez  
a minha pobre casa

entre searas verdes e viçosas,  
de frente para o mar,  
as janelas fitando-me, saudosas,  
como humano olhar...



Parti, sofri no pélagο inconstante  
trabalhos, vendavais;  
contemplei as feerias do levante  
e os gelos boreais.

Mas nunca em minha mente se deliu  
esse momento amargo  
em que, de pé, na tolda do navio,  
fazendo-me ao mar largo,

lá ao longe, nos campos viridentes,  
essas janelas tristes descobria,  
como dois grandes olhos conscientes,  
dizendo adeus ao barco que fugia...



## OS QUE FICAM

Ao verem-me partir, as coisas familiares  
tinham, assim o cria, um mudo olhar amargo.  
Já longe eu descobria os campos, os pomares  
olhando para mim, saudosamente, ao largo.

Prados, densos pinhais, cerros que a névoa empana,  
o vosso coração, que toda a gente ignora,  
ficava-se em silêncio, na tristeza humana,  
como um sentido adeus, quando eu me vim embora.

Vós outros que avistais, partindo, emocionados,  
o pranto de que tem os olhos marejados,  
aqueles que vos vão o seu adeus dizer,

(os amigos da infância, as trémulas esposas)  
por certo não notais o mudo adeus das cousas,  
em cujo coração bem poucos sabem ler!

## ABANDONADAS

A velha casa onde eu morei outrora,  
e que há muito está desabitada,  
silenciosa envolveu-me, ao ver-me agora,  
num triste olhar de amante abandonada.

Com que amargor do íntimo lhe chora  
uma alma sensitiva e ignorada  
que não tem voz para queixar-se, embora  
se veja só, de todos olvidada!

Casa deserta e fria que envelheces  
ao desamparo, sem uma afeição,  
bem sinto que me vês, que me conheces

e relembras os dias que lá vão...  
Eu esqueci-te, amiga, e tu pareces  
toda magoada dessa ingratidão...



# EPIFANIA

Entre a banal e alva casaria  
dum burgo novo, sussurrante e vivo,  
um palácio antiquíssimo exhibia  
o seu aspecto austero e sugestivo.

Ninguém no bruno casarão morava,  
ninguém abria a sua vasta porta;  
e o seu ar ancestral impressionava  
como o fantasma duma idade morta...

Mas um dia, poisando o meu olhar  
na tristíssima casa abandonada,  
um vulto de mulher vi assomar  
a uma grácil janela geminada.

Era uma velha de bizarro aspecto,  
dum ar estranho que atraía a vista,  
Ornavam esse trémulo esqueleto  
velhas galas de corte quinhentista.

Como velhissima e doente avó  
a quem morreram já todos os netos,  
e que em frio casebre vive só  
viúva de confortos e de affectos,

tinha ela um olhar que trespassava,  
que a alma, como um dardo, nos feria,  
pela muda tristeza que exalava,  
pelas mágoas secretas que exprimia ..

E contemplando esse dolente olhar,  
à estranha velha eu perguntei então:  
— Quem és tu, ó bizarra aparição  
quem és, duende ou múmia singular?

«Sou, disse ela, dos tempos sepultados  
a alma errante, o espirito do Outrora  
que inconsolavelmente evoca e chora  
a doçura dos dias apagados...

Neste alcácer sombrio onde eu só vivo  
(última freira em lóbrega abadia)  
erra a minha perpétua nostalgia  
como um velho perfume sugestivo...



Salões solenes como catedrais,  
e onde o vento se aflige em noites mestas,  
quem acordasse em vós defuntas festas,  
saraus galantes que não voltam mais!

Quem, no meio do fundo desconforto  
destas salas e mudos corredores,  
visse erguerem-se donas e senhores,  
todo o esplendor do belo tempo morto!

Assim gemeu a estranha epifania.  
No entanto o povo, marulhante e vivo,  
cruzava-se na praça onde se erguia  
o negro casarão evocativo.

Porém ali sòmente eu escutava  
a elegia, o queixume dolorido  
que a alma do Passado soluçava  
nesse trigueiro alcácer esquecido.

# ALMA



## REMEMBER

Na tarde em que te foste, o céu era cinzento.  
Sob a nortada fria,  
soltava o arvoredo um lúgubre lamento  
que as almas oprimia.

Ao apagar-se ao longe o coche em que partiste,  
voltei, era sol posto.  
Oh! esse amargo ocaso em que a paisagem triste  
parecia exalar um íntimo desgosto! . . .

E o primeiro serão sem ti, no quarto mudo  
donde escutava a chuva e o vento sibilante!  
Com que mágoa eu lembrava essa voz de veludo  
e esse riso cantante!

Longo tempo fumei ouvindo a crebra chuva  
e o aflito nordeste, em cujo uivar plangente  
a alma do inverno, como uma alma de viúva,  
chorava aguadamente . . .

# VESPERAL

Campos, ravinas verdejantes, arvoredos  
vestindo os montes como um fofo terciopelo...  
A tarde, um sino ao longe erguendo o seu apelo  
ao vesperino azul, fundo como um segredo...

A tarde, um sino ao longe... Estrelas ambarinas  
na limpidez do céu acordam, vacilantes...  
Mugem num tom suave os bois pelas colinas,  
afogam-se na sombra os contornos distantes...

Paisagem vespéral que palpitante espia  
a estrela do pastor, que já no azul flutua...  
A saudade sem causa, a vaga nostalgia  
que enche como um perfume este apagar do dia,  
gerou-se na minha alma ou acordou na tua?



# NOCTURNO

## I

Meia noite. É morosa na assunção  
a sonhadora lua de horas mortas.  
Tremem cantigas de água pelas hortas,  
ladram os cães dispersos na extensão.

Debruçado à janela fumo e cismo,  
penetrado dum filtro luarento,  
que faz sonhar e traz o esquecimento  
do mundo cheio de aridez e egoísmo.

Se se estagnasse esta inefável noite,  
envolvendo a minha alma combalida,  
e nunca mais a fustigasse a vida  
— esse brutal, esse temido açoite!...

Macerado fechar de tarde fim de outono,  
erma e triste a paisagem.  
Lastima-se um pesar de exílio ou de abandono  
no gemer da ramagem

do pequeno jardim dum casarão vetusto,  
que parece um mosteiro  
e tem um não-sei-quê de histórico e augusto  
assim velho e trigueiro...

Uma janela é aberta e deixa transpirar,  
num mórbido quebranto,  
um fatigado som de cravo secular,  
que geme um velho canto.

Como me vibram na alma o lastimoso vento  
desta cendrada hora,  
e essa triste canção dum lânguido andamento  
que se recorda e chora!

Minha alma, donde nasce a mágoa que te invade  
Que éden sentes perdido?  
Oh! esta cheia poderosa de saudade  
sem alvo definido!



# IDÍLIO

## I

Serpeava num vale a estrada tortuosa  
onde íamos os dois bebendo a tarde olente.  
Paisagem fresca após a quadra pluviosa,  
um céu de intenso anil com fulvos tons de poente.

Vejo-te ainda parar, sorvendo, graciosa,  
os eflúvios do campo, inebriadamente.  
Nessa tarde de Março, azul e carinhosa,  
a natureza tinha um ar convalescente...

Na memória arquivei todos os pormenores  
desse morrer do dia — a voz dos lavradores  
recolhendo o seu gado, a brisa que se erguera

trazendo emanções de laranjal florido,  
e um melro que embalava o campo adormecido  
na sua doce voz cheia de primavera...

## II

Entrámos já de noite na cidade,  
Silêncio, estrelas, uma aragem viva...  
impressionava-me a noite evocativa  
de não sei que bafejo de saudade...

Ladravam cães ao longe. Fugitiva,  
uma estrela riscou a imensidade.  
Através da nocturna soledade  
tu ias a meu lado pensativa...

Ermas as ruas, não rodava um carro.  
Eu mergulhara num sonhar bizarro.  
Fumava um boticário à sua porta,

olhando o céu aveludado e belo,  
e um clarim, a silêncio, no castelo,  
tristemente apelou na noite morta...



### III

Com ar já fatigado e sonolento  
no meu braço tu ias apoiada.  
Iluminava agora o firmamento  
um minguante ambarino de balada.

Numa viela estreita e mal calçada,  
onde iamos seguindo em passo lento,  
divisava-se a frente enxovalhada  
dum vasto casarão que foi convento.

Que trigueiro e soturno! A olhá-lo eu paro.  
Tem um ar de viuvez e desamparo.  
essa fachada esquálida e vetusta...

E em face desses muros denegridos  
dir-se-ia saturar-se a noite augusta  
dum *remember* de tempos abolidos...

## IV

Sentámo-nos num largo, ao luar divino.  
Eu fitava no céu pupilas sonhadoras.  
No profundo silêncio um clamoroso sino  
com solene vagar bateu então dez horas.

Depois de acompanhar-te ao ninho onde tu moras,  
erguido num jardim virente e pequenino,  
fiquei a relembrar teu corpo airoso e fino  
e esses olhos de moura, escuros como amoras.

Por longo tempo ainda eu divaguei absorto  
entre prédios sem luz, dum ar soturno e morto,  
ouvindo ao longe o mar num salmo sonolento.

E ao mórbido luar, que ao sono nos impulsa,  
a minha alma bebia essa saudade avulsa  
que dimana da noite assim como o relento...



## NO PARQUE

Sobre o seu pedestal, os dardos assestados,  
sorria um lindo amor junto à lagoa cérula,  
em cuja margem nos sentámos, afagados  
por esse mago entardecer de madrepérola.

Eu sonhava, no parque as vistas espraiando,  
vendo antigos galãs tafuís e empoados,  
com fidalgo donaire as donas cortejando  
sob os caramanchéis e os plátanos copados.

Como a minha saudade ia pedir ao seio  
dos bosquezinhos, das penumbras, um abrigo  
contra o banal presente — o áspero inimigo  
do nosso fino amor que já tão tarde veio!

# S P L E E N

Dezembro, dia pluvioso. Vem  
deste céu de burel um «spleen» mortal,  
onde as almas se atolam como alguém  
que caísse num vasto lodaçal.

Olho em torno de mim: as coisas mesmas  
tem um ar de desgosto sem remédio...  
E as horas vão, morosas como lesmas,  
rastejando por sobre o nosso tédio.

O véu cinzento e denso que se espalha  
lá por fora, empanando as perspectivas,  
dir-se-á também que as almas amortalha  
e afoga as suas vibrações mais vivas.



Como é triste viver! Quem descobrisse  
um outro mundo, uma mansão ignota  
onde o novo, o imprevisto sacudisse  
o marasmo desta alma velha e bota!

Fumo e passeio, a chuva cai, ninguém  
passa na rua, e ao choro do beiral  
sucedem uivos do nordeste. Vem  
desta plúmbea manhã um «spleen» mortal...

## JANELA DA BASTILHA

Um dia perguntou-me a esplêndida indolente,  
— pomar a cuja sombra o coração repouso:  
«Em que meditas tu, eterno silencioso,  
quando fitas o olhar no espaço, vagamente?»

Dir-se-á que o teu olhar na imensidade avista  
um não-sei-quê que o traz num êxtase profundo».  
— Sim, eu avisto muito ao longe um vago mundo  
que não pode atingir a tua débil vista.

Há uma clarabóia aberta ante a minha alma  
por onde, indiferente ao mundo familiar,  
alongo os olhos à mansão distante e calma.

onde se eleva, como a Virgem no altar,  
a beleza essencial, para sempre vedada  
à nossa alma que geme à terra agrilhoadada.



## A FAMÍLIA NAS SOCIEDADES PRIMITIVAS

Sendo a família a base de todas as sociedades humanas e podendo esta ser de vários tipos, distinguiremos o tipo de família conjugal baseada no matrimónio (existente no geral das sociedades evoluídas) e o tipo de família consanguínea, na qual prevalece a identidade de sangue.

Enquanto que na família conjugal cada indivíduo considera como sua família também os parentes do cônjuge, na família consanguínea cada indivíduo considera como sua família sómente os parentes de seu pai ou de sua mãe.

Assim, as famílias consanguíneas podem ser de descendências patrilinear, quando só contém os parentes do homem, ou de descendência matrilinear, quando só interessam os parentes da mulher.

Em traços gerais, podemos dizer que no nosso Ultramar existem famílias patilineares em toda a Guiné e sul de Moçambique, e famílias matrilineares em toda a Angola e norte de Moçambique.

Agora, vejamos quem pertence à família de um autóctone de família patrilinear, atendendo sómente

a três gerações: a de seu pai, a sua e a de seus filhos.

Na primeira, ou seja a de seu pai, são de sua família: seu pai, todos os irmãos e irmãs de seu pai, desde que sejam filhos do mesmo progenitor, qualquer que seja a mãe, e todos os filhos e filhas dos tios paternos de seu pai.

Na sua geração são considerados família dele todos os seus irmãos e irmãs filhos do mesmo pai, não importando qual seja a mãe, e todos os seus primos e primas, filhos de irmãos de seu pai.

Na geração seguinte pertencerão à sua família: seus filhos e filhas, os filhos e filhas de seus irmãos e de seus primos, filhos de seus tios.

Como tivemos oportunidade de verificar, nas famílias patilineares, para cada mulher, nem sua mãe nem seus filhos são considerados parentes.

Se fôr uma família matrilinear dá-se o contrário. Nela o homem não considera de sua família seu pai nem seus filhos.

Na família matrilinear apenas o ventre dá parentesco.

Luis Gonçalves

## NOTA BREVE SOBRE O DIALECTO CABO-VERDEANO

Descoberto o Arquipélago de Cabo Verde em 1460 por Diogo Gomes, logo se iniciou o seu povoamento e a colonização com madeirenses, algarvios e nativos da Guiné.

Como consequência disto, surgiu uma sociedade pluri-racial, com predomínio do mestiço.

Nesta sociedade começou a verificar-se a deturpação da língua portuguesa, e assim se formou um falar próprio dos habitantes de Cabo Verde — o dialecto Cabo-Verdeano, o *crioulo*.

Para muitos linguistas, das deturpações de uma língua resulta um dialecto. Para outros, o falar deturpado não será verdadeiramente um dialecto, visto que como tal consideram

apenas um falar que se distingue de uma determinada língua, por ter morfologia própria, mas derivado da mesma língua-mãe. O crioulo cabo verdeano, apesar de simples deturpação do português, é geralmente considerado dialecto.

Este «crioulo» era apenas falado, não escrito. E falado, sobretudo pelo povo. O português tem sido sempre, em Cabo Verde, a língua usada pelas pessoas com um certo nível de cultura.

No entanto, neste século foi o crioulo elevado à categoria de língua literária por alguns poetas e escritores cabo-verdeanos que, todavia, continuam a escrever também em português.

Há umas dezenas de

Conclui na 3.ª página

## O «ARAUTO»

apreciado pelo Jornal "Talha-Mar"

Causou-nos certa surpresa a apreciação feita ao nosso jornal de 10 de Março de 1964, pelo mensário «Talha-Mar».

Primeiramente confessamos a nossa incapacidade para compreender como é possível fazer-se uma análise criteriosa e justa, unicamente em função de um exemplar de um jornal, como é o caso em referência.

Diz o apreciador, o Sr.

### CENTRO ESCOLAR N.º 1

Plano de Actividades para o ano lectivo de 1964-65

—Realização de sessões culturais de natureza diversa.

—Publicação do Jornal «Arauto».

—Reorganização da Biblioteca do Centro.

—Concurso de Conto e Poesia.

—Visitas de Estudo.

—Excursão Pedagógica em época a fixar.

—Pelo Natal montagem do Presépio do Centro.

—Organização de um pequeno Museu do Centro.

—Reorganização e publicação do jornal de parede «Index».

—Publicação do jornal de parede «Vanguarda».

—Publicação do jornal de parede «Lusito».

—Realização de sessões de Bingo.

#### Secção Desportiva:

—Realização dos campeonatos de: Andebol, Basquetebol, Futebol, Ténis de Mesa, Tiro ao Alvo e Voleibol

#### Secção de Camaradagem:

—Aquisição e empréstimo de livros

—Subsídios para propinas, medicamentos e uniformes.

### Almas Cativas

O «Arauto» continua a apresentar o texto das «Almas Cativas» do poeta florentino Roberto de Mesquita.

Frias Marques, que tomamos uma posição talvez demasiado jocosa.

Nem talvez, nem demasiado: «quanto baste», diríamos nós. Com efeito, não vemos inconveniente, pelo contrário, em dedicar parte do «Arauto» a assuntos de pura brincadeira, sempre do agrado da juventude, que a par daquilo que a possa enriquecer moral e intelectualmente, sente a necessidade absolutamente legítima de se entregar a algo que a faça sentir-se realmente jovem, o que não é, de modo algum, despersonalizante.

Continuando, diz o apreciador que a secção «São assim os estudantes», deixa algo a desejar, transcrevendo uma das «indesejáveis» piadas do «Arauto», e pergunta se tal fica bem num jornal da M. P., respondendo com um «pensamos que não!». Pois nós pensamos que sim! O «Arauto» é um jornal da Mocidade e não achamos que as notícias, como lhes chama, deixem a desejar, o que parece querer dizer que são de certo modo inconvenientes ou que tocam as raias da imoralidade. Nada disso! Não o pretendemos, nem quem tem a última responsabilidade do jornal em tal consentiria!

Em seguida o Sr. Frias nota que de dez páginas seis são dedicadas à publicidade, o que demonstra assim um carácter demasiado comercial.

Na verdade seis páginas é demasiado... mas o que é facto é que, de seis números

(Conclui na 3.ª página)

### Prof. Henrique Barreiros

No ano lectivo findo concluiu o curso do I. N. E. F. com alta classificação o Professor de Educação Física Henrique Barreiros, um dos fundadores do «Arauto». Com efeito, foi redactor do nosso jornal, juntamente com Manuel Paulino, desde a sua fundação, em Outubro de 1957, até Dezembro de 1958. Felicitamos.



## Encontro com a Cidade

Conclusão da 1.ª página

Nasci no campo e lá vivi durante alguns anos, mas com a ambição constante de um dia viver na cidade, onde julgaria encontrar a projecção do meu ideal, que tinha como seguro.

A oportunidade chegou, mas tudo é tão diferente, quase que o contrário do meu ideal sonhado!

No entanto, tudo o que é novo nos atrai e causa sensação, e é talvez a razão por que me contento em viver assim.

Adaptar-me temporariamente a este ambiente foi-me fácil, mas contentar-me em viver nele sem libertação, creio que nunca!

Que mundo tão diferente do meu! Esta vida cidadina, agitada, e ao mesmo tempo imutável, onde todos lutam numa azáfama constante para cumprir os horários de trabalho, que a mim me parecem prisão perpétua, — será na realidade atraente?

Que horas de ociosidade tão mal vividas, nesse ambiente dos cafés, onde as pessoas, numa tensão nervosa, inclinadas sobre as mesas de jogo, se mortificam ainda mais, envolvidas numa atmosfera viciada de álcool e fumo!

Tristes conversas as dos jovens nos cafés! É de lamentar esta juventude que se contenta mais em ver um ídolo num jogador de futebol ou num artista de cinema, do que ter um ideal bem formado!

Todos querem viver um *existencialismo* que não tem razão de existir. Cada qual procura viver mais intensamente, mas guiado pelo absurdo dum modernismo intolerável.

E que aspecto tão baixo e imoral o desses bairros e tabernas de imundice, onde vagueiam os boémios!

Vivendo neste bulício incessante, depressa compreendi que toda a fantasia que vagueava no meu espírito, não passava de simples produto de imaginação. Porém, teria sido preferível sonhar sempre, do que enfrentar uma realidade como esta.

O que me leva ao desapontamento total, é talvez

o facto de haver um contraste vivo, tanto na vida, como na maneira de pensar das pessoas do campo e da cidade.

E ao lembrar-me desta esfera em que vivo, confesso, tenho saudade de respirar o ar puro do campo, onde a Natureza com tudo se conjuga para nos ensinar a viver a vida tal como ela é.

Manuel Bettencourt

## Ser Estudante...

(Conclusão da 1.ª página)

rie de misteriosas forças a que se encontra sujeito.

Se essa ânsia de saber ainda não nos assaltou, ela virá um dia assediarnos (e aí de nós, se não vier!) e então talvez sintamos a falta de muita coisa, lamentando o tempo perdido.

Falámos há pouco da idade estudantil como sendo uma das épocas da vida que mais belas recordações nos deixa... Pois uma das mais belas recordações que podemos ter amanhã é o termos hoje aproveitado bem o tempo.

Carlos Frayão

## O «ARAUTO»...

Conclusão da 2.ª página

saídos no ano de 1963-1964, somente em dois se ocuparam seis páginas com publicidade.

E o exemplar que foi alvo da crítica, só lhe dedicou quatro. E ainda é *demasiado*.

É certo que a publicidade é um pouco destoante num jornal deste género, mas o «Arauto» recorreu a esse processo devido a dificuldades financeiras.

A publicidade *era* portanto um meio de defesa que se tornou necessário.

Prosseguindo, o Sr. Frias Marques diz que na 1.ª página se dava a notícia e se comentava a realização da III Semana de Estudos. Só?!... Fica-nos a impressão que o «Arauto» só tem a 1.ª página, a publicidade e as páginas das *notícias que deixam a desejar*. Realmente é miserável! ..

## DO NOSSO LICEU

### Abertura das Aulas

Realizou-se no dia 1 de Outubro último, no ginásio do Liceu, a sessão solene de início das actividades escolares do presente ano lectivo.

Encontravam-se presentes o Corpo Docente, alunos e encarregados de educação, e muitos convidados, alguns deles antigos professores.

Presidiu à sessão o Senhor Governador, com a presença de autoridades.

### Nota breve...

(Conclusão da 2.ª página)

anos alguns escritores lançaram na cidade do Mindelo um movimento literário caracterizado pela interpretação da vida e sociedade cabo-verdeana e que tinha como órgão a revista «Clareza».

Foram autores ligados a esse movimento que elevaram o dialecto cabo-verdeano à categoria de lingua literária.

Assim a literatura portuguesa tem sido enriquecida de forma notável pela literatura de Cabo Verde.

Hélia Maria Ferreira

Falou em primeiro lugar o Senhor Reitor, que, depois de saudar os alunos que pela primeira vez frequentaram este Liceu, frisou a importância e gravidade do actual problema educacional da juventude. A propósito, o Sr. Dr. Tomás da Rosa proferiu uma palestra sobre o grande educador que foi o Padre Américo.

Seguiu-se a entrega, pelo Sr. Governador, de prémios aos alunos que mais se distinguiram no passado ano lectivo.

Encerrando a sessão, usou da palavra o Senhor Governador, que teve palavras de encorajamento para todos os que este ano iniciavam a sua vida liceal.

### Novos Professores

Estão a prestar serviço este ano pela primeira vez no nosso Liceu, os seguintes professores: Dr. J. Gomes Ferreira, efectivo; eventuais: Dras. D. Maria Orquidea Silva Martins, D. Regina Quaresma, D. Maria da Conceição Castel-Branco, D. Maria do Rosário Belo; Dr. José Martins Garcia, Dr. Horácio Fernandes.

### Para a Universidade

Já partiram para o Continente, a frequentar cursos universitários ou médios, todos os estudantes que no último ano concluíram o curso liceal.

Desejamos as maiores felicidades.

### Mais um Ano

Conclusão da 1.ª página

Eis porque pedimos e pediremos colaboração a todos os ciclos do Liceu e também aos alunos do Magistério.

Tencionamos manter a secção que neste número iniciamos: *Portugal Ultramarino*.

É nosso propósito fazer todo o possível para que o jornal saia mensalmente, e esperamos consegui-lo. Para isso contamos com a ajuda dos colegas, em tudo o que seja necessário. E confiados nela, desde já agradecemos.

R. C.



## COMUNICADO

Conimbricæ 21 post calendas  
Aetas 964 A. C.

### Secretaria da Real Embaixada Cultural da Horta no Exílio

Eu, Humberto von y Amaral, escrivinhão da supra dita Embaixada, declaro por ordem dos meus superiores Drs. Marius de Gregorii e de Proencae y Adónis, as seguintes posturas (sem ser de galinha):

**PRIMUS:** Que o mui Douto Dr. Marius de Gregorii, se desloca em breve a essa santa Terra, a fim de tratar com V. Ex.<sup>a</sup> o Mui Nobre Sempre Leal e Constante DUX VETERANORUM, problemas respeitantes à escassez cultural que campeia por estas Terras de Deus. Calcule V. Ex.<sup>a</sup> que até nos receberam a chumbo!!!

**SECUNDUS:** A REAL EMBAIXADA declara que o dia de hoje (XXI-X-MCMLXIV) será inteiramente dedicado à convalescência dos heróis feridos, não só fisicamente, mas também moralmente e monetariamente, no honroso cumprimento do seu DEVER. O programa comemorativo do novo feriado cultural consistirá das seguintes alíneas:

a) — 12 horas T. M. G. — Toque (meigo e sem abusos) da ALVORADA.

b) — Antes do almoço, como aperitivo: Leitura, com o devido sentimento, do Prefácio do Dicionário de LATIM.

c) — A' tarde, com a comparência autorizada do Perito em saídas D. José António que é de Cabral, far-se-á a digna apreciação das futuras promessas femininas (com exclusão, claro está, de duas Bicicletas).

d) — Implacável perseguição individual pelo Respeitável DUX VETERANORUM, à menina dos seus sonhos (dele).

e) — Copiosa refeição de inhames, linguiça, pão de milho e vinho tinto do Pico.

Usará da palavra após o festival o Mui Douto Prof.

Armando Magalhães, que dissertará sobre assuntos de Ordem não só Psicológica como Económica, preparando-se *ipso facto* para cravar os presentes.

Seguir-se-á uma sessão de HULLY GULLY e de TWIST, pelo sapiente Professor de Artes RITMICAS, FRAGA FRAGORUM.

f) — Pequeno interlúdio poético à Luz do Bagaço. Execução em *si sem dó* da clave de *la em faberdon* da «ANA» e do «NOÉ».

Concerto da pianola (musical) e cama com eles.

\* \* \*

Pede-se a publicação «in loco et in integra» da constante declaração para efeitos de conhecimento público.

*Atenciosamente agradecemos ao Ex.<sup>mo</sup> Director do «Arauto»*

Embaixada Cultural

O Presidente,

ass.) Dr. Marius Barcelorum y Gregorii

O Secretário e Escrivinhão,

ass.) Dr. Humbertis Manuelis von y Amaral

O Conselheiro das Relações Públicas,

ass.) Dr. Antónius Luisis de Proencae y Adónis

vai esta com o selo TINTO da EMBAIXADA

## PEÇA EM DOIS ACTOS

(Muito breve mas emotiva)

*Nesta peça os actores pouco falam, a não ser no segundo acto; não vamos criticar o valor da obra, mas o facto é que inúmeras vezes há coisas que valem muito mais que as palavras.*

O pano abre-se e o cenário que se nos depara é a conhecida e romântica Praça do Infante. Um rapaz (ele) passeia agitadíssimo para cá e para lá; nos seus olhos lê-se aquela angústia tão própria de todos os que, depois de longa separação, esperam ansiosamente o momento de tornar a ver alguém muito querido (ela).

Um pouco mais afastado, vê-se um grupo de raparigas (amigas dela) que — a par duma certa «mexeriqueirice» — mostram também uma certa preocupação, pois sabem que ela desconhece a súbita chegada dele. Pensam até avisá-la, mas reconsiderando, chegam à conclusão de que o factor surpresa tem fundamental importância estratégica...

Entretanto, ele impacienta-se e as horas (afinal, são quartos de hora) correm...

De repente, ela surge e a surpresa que demonstra ao vê-lo, não é menor que a

emoção que ele deixa perceber no nervosismo que domina os seus actos...

«Correm» um para o outro...

*Cai o pano, muito rapidamente.*

«O Arauto» pede muita desculpa aos seus leitores mas não publica o segundo acto desta interessante peça teatral, por não estar bem ensaiado.

### Na aula de Alemão

Professor — O verbo (legen) significa (pôr um ovo), porque dá ideia da galinha estar sentada.

O aluno — E se a galinha estiver de pé?

O professor, sorridente — O ovo parte-se!

### Amor e Desporto

Corre pelos meios académicos o boato, quase certeza, de que o conhecido desportista faialense M. .... L. .... se encontra presentemente em negociações com o «Lawn Tennis Club», para mais de perto poder orientar uma das suas basquetebolistas...

### Mas que Infelicidade...

Saberão vocês, por acaso, que um «policromado» aluno («ilustrado», queremos nós dizer) do 6.º ano, tendo resolvido descer dos pincaros da sua intelectualidade até «este vale de lágrimas», tentou abrir o seu insensível coração ao vulgar sentimento do amor?

Falando muito a sério, a verdade é que o rapaz se declarou a uma menina do 5.º ano e o fez tão atabalhoadamente e tão apressadamente que levou com uma «grandessíssima tampa» nas precoces barbas de que é, com muita honra, legítimo possuidor.

Para começar, na realidade, a coisa é desoladora... mas o que importa é não perder as esperanças.

— Quem é o aluno do nosso Liceu que veste pela «BURDA»?

## «CINE FINALISTAS»

(maiores de 16 anos)

### Amor sobre as Ondas

Cenário — Carvalho Araújo

Num ambiente de animação e amizade, uma história arrebatadora e singular, em que o amor veio com o enjôo!

**Intérpretes: MARIZÉ e PROVIENZA ADON**

Figurantes: MALTA

*Expectativa: OPORTUNISMO! PALEIO!*

### Sinistro ou... Sinistrado?!

Segundo rezam as últimas crónicas, a nossa «advogada pequenina» foi atingida pelas setas de Cupido, parece que enviadas da vizinha «Ilha Mártir».

Tarde é o que nunca chega!

Será paixão? O rapaz é sinistrado...

### Muito Precoce...

Esta passou-se na aula de Filosofia do 6.º ano. O Professor, a propósito do assunto que estava a explicar, perguntou:

— Qual é a primeira faculdade que se desenvolve numa criança acabada de nascer?

Aluno — Dizer pai e mãe!...